



HAL
open science

Da cidade pacífica à assepsização das atmosferas urbanas: modulações do sensorium humano

Rachel Thomas

► **To cite this version:**

Rachel Thomas. Da cidade pacífica à assepsização das atmosferas urbanas: modulações do sensorium humano. Duarte, Christiane Rose; Pinheiro, Ethel. Arquitetura, Subjetividade e Cultur. Cenários de pesquisa no Brasil e pelo mundo, PROARQ/RIO BOOKS, 2020, 978-65-88335-02-4. hal-02962796

HAL Id: hal-02962796

<https://hal.science/hal-02962796>

Submitted on 16 Oct 2020

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



Distributed under a Creative Commons Attribution - NonCommercial - NoDerivatives 4.0 International License

DA CIDADE PACÍFICA À ASSEPTIZAÇÃO DAS AMBIÊNCIAS URBANAS

AS MODULAÇÕES DO *SENSORIUM HUMANO*¹

Rachel Thomas

As mudanças físicas da cidade e de suas ambiências não dependem apenas de progressos técnicos ou de estilos de vida, mas também de questões sociais. Por mais de vinte anos, o aumento das preocupações ambientais (combate ao aquecimento global e à poluição atmosférica, redução de resíduos e emissões de gases de efeito estufa, proteção da biodiversidade...) e saúde pública (campanhas contra obesidade e doenças cardiovasculares) têm mudado o planejamento da mobilidade. Trata-se de oferecer aos habitantes condições para uma melhor "qualidade de vida" e promover "uma boa convivência coletiva". Muitas cidades então – para atender ao modelo de uma cidade pacífica (DUMONT; VON DER MÜHLL, 2006) – têm promovido a marcha a pé.

Além da lentidão, é uma convocação do sensível que esse modelo exige: as qualidades ambientais dos espaços são trabalhadas para despertar os sentidos e as impressões do pedestre (NASAR, 1994; AUGOYARD *et al.*, 2003; AUGOYARD, 2011; ZARDINI, 2005). As operações de incentivo à caminhada nos centros urbanos da Europa tem utilizado, assim, cenografias que reproduzem as ambiências do passado: retorno aos paralelepípedos, instalação de candelabros, estilização de mobiliário urbano e elementos desse tipo. Alguns espaços são iluminados à noite com cores ou "naturalizados" para dar a eles sua própria identidade e uma "marca" adicional. Em nome da acessibilidade para todos, os pisos são nivelados e os obstáculos removidos. O escoamento dos diferentes fluxos de deslocamento é garantido por corredores de circulação que condicionam a jogos de distância e proximidade entre os corpos. A atenção voltada à limpeza e segurança é aumentada: combate à poluição visual, atribuição de cheiros característicos, instalação de dispositivos de monitoramento. "O retorno e a circulação de declarações higienistas mediam [também] o projeto urbano" (RIVIÈRE D'ARC, 2010). Além do esteticismo, há a expulsão de populações pobres, cuja presença e estilo de vida são tomados como incômodos.

1. Este artigo é uma versão resumida do capítulo 2 de *Une critique sensible de l'urbain*. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/tel-01818999>.

AS ESTÉTICAS DO SIMULACRO *VERSUS* AS DO RE-ENCANTAMENTO

Em outras palavras, quaisquer que sejam as peculiaridades de cada cidade, de cada cultura local e de planejamento, esse processo de pacificação dos espaços públicos tem se difundido e homogeneizado as ambiências pedonais. Isso dá origem a dois tipos de análise crítica.

A primeira denuncia uma estética do simulacro e o risco de uma anestesia das sensibilidades dos pedestres (SENNETT, 1994; BÉGOUT, 2003; BERENSTEIN-JACQUES; JEUDY, 2006). Por iniciar um modo de percepção baseado na contemplação e no fascínio, essas estéticas manteriam o habitante em uma forma de ilusão propícia ao seu desengajamento e à uma neutralização de sua distância crítica. Suavizando as ambiências, colocando o pedestre longe dos estímulos da rua e de situações conturbadas, tais estéticas induziriam à passividade e até ao retraimento. Introduzindo formas de monitoramento de multidões, regulação dos fluxos e de orientação, elas também limitariam as relações tangíveis e levariam a uma "supressão dos corpos" (LÉVY, 2004).

A essa crítica severa acerca da estetização dos espaços urbanos se tem, como contraponto, a tese de seu "ré-encantamento" (WINKIN, 1998; ROUX, 2002; GILLOT; BRUYAS, 2004; BOUTAUD, 2007; CUNHA; DELABARRE; MAEDER, 2015). As encenações e as ambiências desses espaços, seu caráter zeloso e polido, refletiriam uma estética de fuga. Esta produziria um "vazio" menos evidente do que as ambiências "extraordinárias", rompendo com melancolia e tensões patogênicas. Por projetar o pedestre em um espaço-tempo ambíguo – desconectado da vida cotidiana, mas contido no presente – ela o abstrairia das agitações da vida urbana. Por vir como uma divagação – a intensidade das estimulações sensoriais é reduzida e "tudo parece sob controle" – elas propiciariam sentimentos de tranquilidade.

Apesar do interesse nesses estudos, não questiono aqui as transformações sensíveis da cidade pedonal a partir dessa perspectiva dualista. São os tipos de ambiências geradas, das artes do movimento e das impressões sensíveis que criam nos pedestres que me interessam. Além dos efeitos projetados e idealizados (distração, fuga) ou perversos (simulacro, neutralização), qual é a natureza exata das ambiências da cidade pacífica? Que maneiras de andar elas convocam? Também busco apreciar o tipo de impressões sensíveis que elas geram nos pedestres: como nos sentimos nesse tipo de ambiência? Em que estado elas nos colocam? Ao fazer essas perguntas, meu objetivo não é tanto saber se essas transformações nas estruturas sensíveis da vida dos caminhantes fazem parte de uma passividade ou um encantamento do pedestre e sim entender como modificam o *sensorium humano* (BENJAMIN, [1935]1991).

O PEDESTRE, UM ANALISADOR ESCLARECIDO DAS VARIAÇÕES DAS AMBIÊNCIAS

É recorrendo ao trabalho de Simmel, de Kracauer e de Benjamin sobre as transformações da grande cidade que abro o debate. Embora desatualizados e pouco dedicados na questão das ambiências, eles oferecem perspectivas interessantes de reflexão: relativizam o discurso alarmista de choque ou nostálgico da anestesia; revelam as dinâmicas trabalhadas entre as estruturas e os registros sensíveis da experiência urbana.

Os trabalhos desses autores revelam como as transformações tecnológicas e de planejamento reconfiguram – mais do que comprometem – as sensibilidades e as relações dos pedestres com seu ambiente. Kracauer ([1926]1995), por exemplo, em suas crônicas detalhadas das ruas de Berlim, descreve como a generalização do uso de asfalto, a intensificação do tráfego, o uso de iluminação artificial etc. – promovendo a hiperestesia sensorial e saturação do campo perceptivo – contribuem para o surgimento de novas formas do pedestre perceber, sentir e se locomover

Essa perspectiva de trabalho é também interessante do ponto de vista metodológico. Ela permite reafirmar a presença do pedestre em relação às ambiências urbanas. Se a caminhada é realmente uma maneira de ancorar ambiências, ela é também uma ferramenta para a leitura crítica da cidade. Para conduzir essa observação, trago o conhecido *flâneur* de Benjamin, que enquanto elemento colocado na cena do espaço público, é também um comentarista irônico. Vou prosseguir nessa direção fazendo do pedestre – a nova aposta da cidade pacífica – um analisador esclarecido dessas variações de ambiências.

Esses trabalhos também trazem o estudo do corpo em uma escala espaço-temporal raramente prevista pelos adeptos de uma "sociologia dos sentidos": a escala urbana e não apenas da situação localizada; da história e não apenas do presente. Os modos de ser, de perceber e de sentir variam em vigor ao mesmo tempo em que as tecnologias de comunicação, a infraestrutura de transporte, os planejamentos evoluem... e, portanto, novos sons, novas configurações visuais emergem. O corpo é então o lugar em que essas mudanças de ambiência são incorporadas; os modos de se cumprimentar, de se olhar, de escutar traduzem a cultura sensível de uma época e as modulações do *sensorium humano*.

Estenderei essa reflexão defendendo a hipótese de que essas "artes de se mover", se tão bem revelam a encarnação das ambiências, tornam inteligível a plasticidade dos corpos. O ato de caminhar sempre supõe, por parte do pedestre, uma adaptação aos contextos e uma maleabilidade de seus gestos, suas percepções, seus ritmos (THOMAS, 2019). No entanto,

essas expressões corporais são sempre sinais visíveis e observáveis das variações no ambiente e nas relações plurais que elas induzem no pedestre.

IN SITU: IMPREGNAR-SE – ENCARNAR – TRADUZIR

É essa última hipótese que norteou o trabalho de pesquisa dedicado à "higienização dos ambientes de pedestres no século XXI" (THOMAS *et al.*, 2010). Esse trabalho foi realizado em três cidades, afetadas em diferentes graus pela expansão do modelo de cidade pacífica: Montreal, no Canadá; Salvador, Bahia; no Brasil; e Grenoble, na França.

Três equipes participaram da pesquisa: o Centro Léa Roback (Universidade de Montreal), o Laboratório Urbano (Universidade Federal da Bahia – UFBA) e o Cresson (Escola de Arquitetura de Grenoble). Eles testaram essas hipóteses durante três seminários,² cada um dando origem a trabalhos de pesquisa.

Uma epistemologia da impregnação

Nesta fase, queríamos construir as ferramentas de um pensamento corporal. "Perguntar sobre o corpo, além de questionar sobre o seu movimento, é também questionar sensações, afetos, humores quase palpáveis, difíceis de expressar. Como observar e descrever o que seria indescritível ao corpo?" (THOMAS, 2013).

O caminho aqui escolhido consistiu em desenvolver uma epistemologia da impregnação. O corpo do pesquisador, "tomado" e afetado pelas situações em que participa, constitui um instrumento de captação e de inteligibilidade dos processos trabalhados entre pedestres e ambiências. O desvio da subjetividade do pesquisador – a recusa também de uma posição de destaque – apareceu como um meio de revelar a complexidade da experiência sensível comum.

Esse período de pesquisa tomou a forma de marchas urbanas coletivas de uma hora e meia cada, em três bairros:³ o Pelourinho, em Salvador; Europole; em Grenoble; e o bairro internacional de Montreal. Para cada caminhada, foram dadas as mesmas instruções aos participantes (cerca de quinze, divididos em grupos de três pesquisadores): descobrir o bairro, deixando-se "levar" e "se impregnar" por suas ambiências e seu ritmo. Nenhum tipo de mapa ou carta foi previamente fornecido. Apenas um ponto de partida, um local de retorno, os limites do bairro e a duração da viagem foram indicados. Todos tinham uma câmera digital para registrar os elementos destaques de seu percurso. No final dessa

2. Na Bahia, em outubro de 2009; em Grenoble, em dezembro de 2009; e em Montreal, em junho de 2010.

3. Cada um dos bairros havia passado por uma operação de requalificação questionando esse modelo de cidade pacífica.

caminhada, depois de um período de isolamento para registrar suas impressões em um diário de campo, os grupos de pesquisadores se reuniram para compartilhar um pouco de experiência.

Uma epistemologia da encarnação

O tempo de "tomar corpo" com as ambiências urbanas respondeu mais a uma epistemologia da encarnação. Ele se consolidou a partir de dois movimentos: despertar os corpos dos pesquisadores e testar sua plasticidade.

No Brasil, o tempo do despertar tomou a forma de uma oficina de dança temática em torno dos vínculos entre corpo e espacialidade.⁴ Seu objetivo era nos fazer tomar consciência da natureza sinestésica de nossos movimentos: toda "locomoção" envolve nosso corpo e nossos sentidos em conjunto. Diferentes exercícios modificando nossa organização corporal (caminhar "em um cardume" ou "como siameses", evitando um obstáculo móvel) nos ajudaram a experimentar a maleabilidade de nossos movimentos e de nossas atenções em situações de adaptação ao ambiente.

Na França, a organização de um *workshop* sobre deficiência física tinha dois objetivos: conscientizar-se das mobilizações (corporais e sensoriais) trabalhadas durante um percurso urbano e ajudar na verbalização. O processo de pesquisa consistiu em um percurso a partir de uma situação que simulava cegueira e surdez. No final, todos foram convidados a trocar e compartilhar suas impressões. Mais do que a deficiência em si, tratava-se de verbalizar o que a ambiência "faz ao meu corpo", o que e como ela desfoca minhas impressões, que táticas elas demandam da minha parte.

No Canadá, é o retorno à técnica da "caminhada exploratória" que permitiu o diálogo entre as questões da cidade pacífica e as ambições de nossa pesquisa. Essa técnica consistia em caminhar em um grupo no bairro internacional e identificar, usando um questionário semiaberto, os elementos do ambiente que provavelmente modificariam nossas maneiras de caminhar, perceber e sentir.

Em um segundo momento, realizamos observações nos lugares cujas configurações colocariam em questionamento as teses de assepsização e encantamento: a feira de São Joaquim e o Shopping Salvador, em Salvador, Bahia; Cours Berriat e os Grands Boulevards em Grenoble; a Praça Riopelle e a Praça Victoria, em Montreal. Tratava-se de realizar – enquanto caminhava – um levantamento físico e sensível dos locais, e observar as formas de movimentação dos pedestres. Cada pesquisador recebeu um caderno no qual poderia

4. Para mais detalhes sobre esses *workshops*, ver Thomas (2010).

anotar suas observações e uma câmera fotográfica para capturar os elementos que se destacavam. Essas marchas, com duração média de uma hora e meia, foram repetidas durante a semana, em diferentes horários. Ao final, eram tirados alguns momentos de discussão para que os participantes pudessem compartilhar e debater as observações.

Uma epistemologia da tradução

A terceira fase da investigação foi baseada no pressuposto de que a construção de um pensamento do corpo envolve a criação de linguagens descritivas específicas. Uma das preocupações desse trabalho colaborativo foi então encontrar maneiras de traduzir o plano de fundo da experiência corporal urbana comum.

A análise dos diferentes corpos está, portanto, conectada a descrever – além da variada paleta de ambiências de pacificação – as variações na dinâmica da marcha e nas impressões dos pedestres. É o que mostro nos dois estudos de caso a seguir. Além de um trabalho sobre a precisão dos vocabulários, foi iniciada uma discussão em torno da noção de "estado" – emprestada do léxico da dança (GUISGAND, 2004). O estado qualifica nessas descrições as mutações de impressões e movimentos do pedestre, ao mesmo tempo que expressa certa presença nessas ambiências pacificadoras.

NO BAIRRO INTERNACIONAL DE MONTREAL: ENVOLTO, PORÉM APÁTICO

As caixas artealizadas

A Praça Victoria e a Praça Riopelle estão localizadas no coração do bairro Internacional de negócios de Montreal, inaugurado em 2004, e abrigam escritórios corporativos, bancos internacionais e empresas de luxo.

O bairro reúne todos os ingredientes das políticas de pacificação. Ele está organizado em torno de espaços verdes pontuados por espelhos d'água e fontes, de inúmeros bancos públicos e de um mobiliário urbano em um estilo refinado. Vinte trabalhos artísticos pontuam o espaço e tematizam o percurso entre as praças.

Orientada ao longo de um eixo norte-sul, a Praça Victoria é composta por dois espaços retangulares com 250 metros de comprimento e 30 metros de largura. Separados no centro pela rue St Antoine – uma via arterial muito movimentada – eles estão ligados tematicamente por uma "alameda de fontes". No extremo norte da Praça Victoria, uma escultura do artista Ju Ming encerra uma pequena praça onde uma sucessão de jatos d'água cercados por granito preto suaviza o caráter mineral do lugar. Um alinhamento de árvores a separa visualmente das faixas viárias. Um corredor de circulação de pedestres em ladrilho de cor clara, de um lado, e quadriláteros de gramado, do outro, afastam o tráfego viário e

acentuam o aspecto de "caixa" da pequena praça. Na direção sul, uma entrada de metrô em estilo *art nouveau*, assinada por "Guimard", relembra a presença francesa.

De frente para ela, na parte sul, está uma estátua de bronze e granito da rainha Vitória. Nesse ponto a Praça também é embelezada com um espelho d'água retangular e ornamentada com fontes e bancos públicos. Mais abaixo, um espaço arborizado cria uma grande área de sombra e frescor. O plano ortogonal da Praça, suas cores e seu equipamento de controle de tráfego – dividindo o espaço em vários quadrados – lembra o tabuleiro de xadrez.



FIGURA 1: Alameda das fontes, Montreal. Fonte: arquivo da autora, s/d.



FIGURA 2: Vegetação e orientação sobre a Circulação (no fundo, a escultura de Ming), Montreal. Fonte: arquivo da autora, s/d.

Menos extensa, a Praça Riopelle se estende aproximadamente por 160 metros de comprimento e 40 metros de largura. O layout da Praça foi projetado para torná-la um local de relaxamento e contemplação. Ela está organizada em torno da forte presença de vegetação e uma escultura-fonte do artista Riopelle denominada "La Joute". Na entrada sul, uma floresta urbana de oitenta e oito árvores foi plantada em um padrão aleatório. Os bancos públicos são instalados sob a cobertura vegetal e em fileiras escalonadas de uma maneira que os usuários que estão sentados estejam protegidos de olhares intrusivos. No

chão, canaletas redobram a trama do espaço. São elas que, à noite, projetam as luzes e a névoa que a escultura-fonte difunde.

É ao norte que "La Joute"⁵ toma lugar, em um espaço aberto e mineral. Tudo está colocado em um grande espelho d'água circular em pedra. No centro, em uma base elevada, uma torre de bronze, a "Torre da Vida", se ergue. Ela está cercada por trinta figuras de animais. O destaque do espetáculo acontece de meados de maio a meados de outubro. Cinco vezes por dia, entre 18h e 22h, um anel de fogo começa na superfície da água, enquanto uma névoa envolve os arredores.



FIGURA 3: A "Joute" em frente à fachada colorida, Montreal. Fonte: arquivo da autora, s/d.



FIGURA 4: A névoa sob as copas das árvores do Palais des Congrès, Montreal. Fonte: arquivo da autora, s/d.

⁵ Conjunto equestre ou de animais, que envolve combate a cavalo e com lança, de homem para homem, em que a nobreza guerreira da Idade Média fazia por demarcação de poder. Neste caso, uma escultura complexa que demonstra tal cena ou algo similar (N.T.).

Escapar ou entorpecer

Dois tipos de usuários são encontrados na Praça Victória durante o dia: os "colarinhos brancos", funcionários de empresas, e os turistas.

Os primeiros são reconhecidos por sua vestimenta (terno escuro, gravata e sapatos de verniz para homens; *tailleurs* e saltos para mulheres), seus acessórios (telefone, bolsa ou pasta de couro) e seus passos rápidos. Os corpos são tensionados e muitas vezes inclinados por levar uma bolsa de ombro. Os passos são longos. Poucos deles permanecem na Praça Victoria. É uma questão de "passar por" para "ir para", em um deslocamento estritamente funcional.

O padrão postural do turista é mais flexível e seu ritmo diminui. O ritmo é o da deambulação. As permanências são mais frequentes, mas rápidas. Fica-se apenas o tempo suficiente para tirar ou posar para alguma foto. Mais do que um tabuleiro de xadrez, a Praça Victoria parece um saguão de aeroporto. É apenas um espaço de trânsito que coloca o pedestre em um entremeio (entre dois cenários, entre o mineral e o vegetal).

Na Praça Riopelle, a cobertura vegetal funciona como um casulo. Denso, ele filtra a luz, e parece atenuar o nível de ruído e proteger o pedestre da hiperestimulação da cidade. A vertigem causada pela verticalidade dos edifícios e pela circulação do tráfego viário diminui. À noite, a privacidade da cobertura vegetal é aumentada pela difusão da névoa artificial que acaricia o corpo com finas partículas de água. Associado ao som e à luz da escultura, o todo oferece uma fuga poética.

A "Joute", ao criar todo um cenário ao anoitecer, acentua essa sensação de fuga. As pessoas se acomodam ao redor da obra, esperando o início de seu espetáculo. Reina o silêncio e o entorpecimento. Então, assim que os fazedores de névoa entram em ação, o local ganha vida. Os corpos se movem, flashes piscam, as pessoas conversam umas com as outras. O cenário funciona como um gatilho de movimento.

Apatia e envolvimento

Na psicopatologia, a apatia caracteriza a indiferença emocional, uma ausência de reação diante dos estímulos de ordem psicológica ou física. Em relação ao local – aqui a Praça Victoria –, o estado de apatia define uma impassibilidade à ambiência. Num espaço descrito como sem alma e empobrecido, o pedestre parece entorpecido, como se colocado na letargia.

O estado do envolvimento é específico da área arborizada da Praça Riopelle. No vocabulário comum, envolvimento refere-se juntamente ao ato de gentilmente cercar alguém

oferecendo-lhe proteção contra o repentino afluxo de sensações ou sentimentos. O envolvimento é aqui permitido pelas qualidades físicas e sensíveis do lugar: sua distância em relação à área de circulação; compartimentação visual e auditiva; enquadramento cromático e térmico. Isso cria uma sensação de tranquilidade.

SOB CONTROLE NO SALVADOR SHOPPING (BAHIA)

Um caixote polido e frio

Localizado a nordeste de Salvador, na Bahia, o Salvador Shopping possui quinhentas lojas, oito cinemas e um espaço dedicado a videogames.

No interior, os volumes são imponentes. As janelas estão dispostas na periferia das galerias que se organizam em mezaninos, em três andares. A decoração consensual faz com que não exista concorrência a ela. Não é possível visualizar o exterior, sendo a iluminação diurna fornecida por zenitais envidraçadas translúcidas. A gama de cores utilizada é branca e azul pálido para paredes verticais e os pisos mezaninos; laranja, vermelho e rosa para o piso térreo. As jardineiras de madeira adicionam um pouco de calor e textura a este conjunto frio. Todos os outros materiais são lisos: mármore, terraço, vidro, concreto e metal.



*FIGURA 5ª e 5b: Cores frias e materiais lisos no Shopping Salvador.
Fonte: arquivo da autora, s/d.*

A circulação vertical é feita por escadas, rampas mecânicas ou elevadores. As lojas mais populares se encontram no térreo; as mais luxuosas no terceiro andar, sob os estacionamentos. A distribuição de pedestres entre o último andar e o térreo segue essa diferenciação. O ar, mais frio e seco que o exterior, combinado com a frieza das cores e o polimento dos materiais, contribui para a notável suavidade do local.

Controlar-se

Ao entrar no *shopping* o estado de atenção é desmobilizado devido a uma menor quantidade de pessoas com que se tem contato (em relação ao exterior) e à presença de um sistema de segurança visível (câmeras de vigilância, presença de guardas observando). A agressão física, sempre uma probabilidade no espaço público, não é temida nesse espaço.

Em seguida, vem o choque térmico, visual e sonoro. Quem chega a pé (se você é pobre) ou de carro (se você é rico) depara-se com uma forte mudança térmica, causada pelo ar condicionado excessivo do local, sendo forçado a se cobrir. Visualmente tudo é claro e frio, largo e alto, impressionante. Há um burburinho de vozes misturado à música de média intensidade. Todas as sensações que não estão a serviço do comércio são erradicadas ou encobertas. Essa desmobilização dupla – atenta e sensível – permite uma remobilização visual em direção às vitrines.

Começa a ficar visível a "tomada de controle" por parte das ambiências dos ritmos de caminhada. A linha de visão precede a trajetória do percurso para quem tem um objetivo específico de compra. O ritmo é o do consumo. Para fugir desse controle só ficando o menor tempo possível no local. Em relação às vitrines, continua sendo o olhar que guia o caminho, mas em um ritmo menos contínuo. A caminhada é controlada pela força hipnótica das vitrines, algo próximo a um estado de atordoamento. A mobilização visual fica fortemente comprometida.

Rigidez e controle caracterizam os corpos. As portas principais são de correr e se abrem automaticamente. Dentro do *shopping* as pessoas se deslocam menos do que no exterior. Todos estão expostos, tanto quanto os objetos nas vitrines, e com isso se percebe que há uma forte preocupação com a aparência. O estilo de vestimenta deixa os corpos menos evidentes do que nas ruas. Os cabelos são lisos escovados e/ou amarrados. Diferentemente da rua, os acessórios são mais visíveis e frequentes: as bolsas são levadas despreocupadamente, assim como telefones, joias e óculos de marca.

Sob hipnose e ansioso

Ao entrar, cada indivíduo se sente capturado pelas ambiências do *shopping*, como se estivesse fascinado por sua força sedutora. O conforto do apaziguamento dos sentidos em relação ao exterior coloca todos em um estado de *quasi* de hipnose. A maioria permite passivamente que o lugar os tome e os conduza, numa forma de fascinação assumida por essa materialidade. Outros tentam a ele resistir ao fazer parte da dinâmica do lugar.

Essas ambiências poderiam parecer tranquilizadoras se elas não gerassem também um estado de ansiedade. A constância do corpo e dos sentidos repousa numa base distorcida: aquela do respeito (forçado) pelo espaço privado (rico), em paralelo ao comportamento desrespeitoso no espaço público (dedicado aos pobres). A caminhada parece mais livre do que na rua, mas está sujeita a restrições violentas e a um deslumbramento espontâneo: a parcela da população admitida ao preço do condicionamento corporal exigido finge ignorar todos aqueles que permanecem do lado de fora. O contraste entre esses dois espaços, grande demais para que as "boas regras de conduta" de uma pessoa influenciem a indiferença em relação à outra, não faz mais que enfatizar a violência das relações sociais.

OS PARADOXOS DA PACIFICAÇÃO: O RISCO DE ASSEPTIZAÇÃO

Esses dois casos trazem complexidade às teses geralmente defendidas acerca da cidade pacífica, revelando seus paradoxos.

Tanto em Montreal como em Salvador, na Bahia, a Praça Victoria, a Praça Riopelle e o Salvador Shopping são montados como "porta-joias". A forte presença de água e plantas e a queda significativa no nível de estímulo sensorial parecem oferecer aos pedestres um bem-estar adicional que poderia levá-los a formas inéditas de apropriação do espaço. Mas a realidade parece mais complexa. Os pesquisadores envolvidos no trabalho de campo expressaram a sensação de se sentir como "peões em um tabuleiro de xadrez" em Montreal e particularmente "enquadrados" pelas ambiências do Salvador Shopping.

No caso de Montreal, o cenário estabelecido não substitui a força motriz da trama ortogonal dos espaços, nem sua característica de local de passagem. Essas duas qualidades parecem, de fato, determinantes nas trajetórias e nos andamentos da marcha, mais relacionadas a formas de fuga do que das *flâneries*. A própria natureza das atividades que abrigam – negócios em Montreal, comércio no Salvador Shopping – ao propiciar a mobilidade funcional e os ritmos pendulares, parece, além disso, pouco estimulante no nível sensorial, e gera tipos de comportamento "esperados": adentrar o lugar com um passo apressado, peito para a frente, com o olhar fixo no horizonte, pronto para acelerar para não "perder tempo" – o indivíduo com pressa sendo, sem dúvida, a figura emblemática desse tipo de espaço.

É preciso criar a surpresa e dinamizar o cenário, afastando, às vezes, a lógica de sua "artealização" ou de ser "tomado pela ambiência" para – senão encantar ou apaziguar – criar apropriações, trocas e talvez conexões. A Praça Riopelle é uma aposta bem-sucedida, onde – ao contrário da Praça Victoria – as "surpresas sensoriais" propostas (a "Joute", o espelho d'água, as fontes aqualuminosas), ao criar os envoltórios com a água, a névoa, as cores e

as plantas invocam os sentidos, despertam curiosidade, fazem as pessoas se movimentarem e trocarem ideias.

No Shopping Salvador, a influência térmica e sonora da ambiência nos corpos – somada ao controle explícito das condutas – homogeneíza as aparências e favorece o mimetismo gestual. Como as ambiências, os modos de ser e de fazer são lapidados e uniformizados, tornando-se semelhantes em todas as partes. Se o encantamento talvez não estivesse em questão – embora a descoberta desses "porta-joias" possa possibilitar uma experiência de outro lugar para além do que se está –, o que dizer da pacificação? Artificial, sem dúvida, à beira da assepsização – o que seria um grau máximo –, porém operativo: o enquadramento, ao mesmo tempo que assegura a redução do nível de estimulações sensoriais (sonora, térmica e principalmente olfativa), tranquiliza e oferece um momento de pausa em relação à hiperestesia na rua.

Com relação a esses estudos, que seria conveniente ser complementados por entrevistas com usuários e outros exemplos, o que dizer sobre essa ideologia de compartilhamento contida na cidade pacífica, exceto que, sem dúvida, carrega um grande paradoxo? A redução da natureza pública de nossos espaços urbanos – pelo desaparecimento de conflitos e atritos, pela impossibilidade do encontro, pela invisibilidade do Outro, pela homogeneização das aparências e das atitudes – mesmo que neles se defenda um certo "estar com" e "fazer juntos" (THOMAS, 2018).

REFERÊNCIAS

AUGOYARD, J. F. *et al.* **L'expérience esthétique ordinaire de l'architecture**: parcours en espace public. Paris: Ministère de la Culture, 2003. (Rapport de recherche Cresson, n. 57).

AUGOYARD, J. F. Faire une ambiance? *In*: _____. (dir.). **Faire une ambiance**. Bernin: À la Croisée, 2011 p. 17-35.

BOUTAUD, J. J. Le sensoriel et l'expérientiel. Sémiotique, marketing et communication en terrain sensible. *In*: BOUTAUD, J. J.; VERON, É. (dirs.). **Sémiotique ouverte**: itinéraires sémiotiques en communication. Paris: Hermès; Lavoisier, 2007. p. 142-163.

BÉGOUT, B. **Zéropolis**. Paris: Allia, 2003.

BENJAMIN, W. **L'oeuvre d'art à l'époque de sa reproduction mécanisée**. Paris: Gallimard, [1935]1991. (Ecrits français).

BERENSTEIN-JACQUES, P.; JEUDY, H. P. **Corps et décors urbains**. Paris: l'Harmattan, 2006.

CUNHA A. da; DELABARRE M.; MAEDER, T. L'urbanisme et l'art dans la ville: entre instrumentalisation et enchantement. **Vues sur la ville**, Université de Lausanne, Observatoire universitaire de la ville et du développement durable, n. 32, p. 7-10, 2015.

DUMONT M.; VON DER MÜHLL, D. De la rue à la ville apaisée: l'éclairage comparé des expériences péri/suburbaines suisses et françaises. **Flux**, n. 66-67, p. 50-61, 2006.

GILLOT, G.; BRUYAS F. Enchantement, réenchantement du monde. Représentations, mise en scène, pratique et construction des territoires. *In*: CONGRÈS DE L'AFEMAM, 18., 2004, Lyon. **Annales** [...] Lyon: AFEMAM, 2004.

GUISGAND, P. H. Pollock ou les états de corps du peintre. **DEMéter**, 2004. Disponible en: <http://demeter.revue.univ-lille3.fr/corps/guisgand.pdf>.

KRACAUER, S. **Rues de Berlin et d'ailleurs**. Paris: Gallimard, [1926]1995.

LÉVY, J. L. **Entretiens avec David Le Breton**. Déclinaisons du corps. Montréal: Liber de vive voix, 2004.

NASAR, J. L. Urban design aesthetics. **Environment and Behavior**, v. 26, n. 3, 1994. p. 377-401.

RIVIÈRE D'ARC, H. Le retour et la circulation des énoncés hygiénistes comme médiateurs du projet urbain: de São Paulo à d'autres métropoles. **Nuevo Mundo**, n. 10, 2010.

ROUX, M. **Inventer un nouvel art d'habiter**. Le réenchantement de l'espace. Paris: L'Harmattan, 2002.

SENNETT, R. Espaces pacifiants. *In*: JOSEPH, I. (ed.). **Prendre place**. Espace public et culture dramatique. Paris: Ed. Recherches, 1995. p. 129-136.

SIMMEL, G. Les grandes villes et la vie de l'esprit. *In*: ____. **Philosophie de la modernité**. Paris: Payot, [1903] 2004. p. 169-200.

SIMMEL, G. **Rome, Florence, Venise**. Paris: Ed. Allia, [1898]1998

THOMAS, R. **Une critique sensible de l'urbain**. Architecture, aménagement de l'espace. Grenoble: Communauté Université Grenoble Alpes, 2018. Disponible en: <https://hal.archives-ouvertes.fr/tel-01818999/document>.

THOMAS, R. Décrire l'arrière-plan corporel de l'expérience urbaine. *In*: THIBAUD, J.-P.; DUARTE, C. (eds.). **Ambiances urbaines en partage**. Pour une écologie sociale de la ville sensible. Genève: MétisPress, 2013. p. 227-239.

THOMAS, R. Rythmes ambiants, rythmes de marche. **EspaceTemps.net**, 2019. Disponible en: <https://www.espacetemps.net/articles/rythmes-ambiants-rythmes-de-marche/>.

THOMAS, R. *et al.* (dir). **L'aseptisation des ambiances piétonnes au XXIe siècle**. Entre passivité et plasticité des corps en marche. Grenoble: Programme PIRVE CNRS MEEDDM; CRESSON, 2010. (Rapport de recherche, n. 78).

WINKIN, Y. Le touriste et son double. Éléments pour une anthropologie de l'enchantement. *In*: OSSMAN, S. (dir.). **Miroirs maghrébins**: itinéraires de soi et paysages de rencontre. Paris: CNRS Editions, 1998.

ZARDINI, M. **Sensations urbaines**: une approche différente de l'urbanisme. Montréal, CCA: Lars Muller Publisher, 2005.